

A IMPORTÂNCIA DA INFORMAÇÃO ACERCA DO USO RACIONAL DE MEDICAMENTOS PSICOTRÓPICOS NA ADOLESCÊNCIA

João Pedro Santos Gomes¹
Thiago Luis Gonçalves Rodrigues²
Tiago Silva dos Santos³

RESUMO: Os problemas psicológicos tais como ansiedade e depressão sempre estiveram frequentes na sociedade, desde o passado até os tempos atuais. A pandemia de COVID-19 iniciada no ano de 2020 certamente foi um fenômeno que gerou um cenário de instabilidade e estresse, atuando como um potencializador da incidência de transtornos psíquicos e, conseqüentemente, do aumento do uso de medicamentos psicotrópicos. As estimativas indicam que a pandemia afetou principalmente a saúde mental dos adolescentes, tendo em vista que este grupo já passa por um período conturbado do desenvolvimento humano. As drogas psicotrópicas usadas para quadros de sofrimento mental atuam no sistema nervoso central alterando quimicamente o funcionamento cerebral, o que resulta em mudanças de humor e comportamento. Embora sejam de grande importância e constituam as bases do tratamento farmacológico, essas substâncias apresentam efeitos adversos consideráveis, dentre eles, a dependência química e física. Diante disso, é vital que sejam utilizados de forma racional. Entretanto, a realidade vista é totalmente diferente. No Brasil, a automedicação é uma prática bastante comum, de modo que por volta de 35% dos medicamentos são obtidos pelas pessoas por conta própria. O presente estudo se trata de uma revisão da literatura que tem por objetivo mostrar a importância da informação sobre o uso dos psicotrópicos, sobretudo na adolescência. Para isso, foram feitas pesquisas nas principais bases de dados no campo da saúde – SCIELO e PubMed – e também no Google acadêmico. Por fim, a análise dos estudos reforça a importância de aumentar o nível de informação da comunidade em relação ao uso desses medicamentos em questão.

2712

Palavras-chave: Psicotrópicos. Uso racional de medicamentos. Automedicação. Transtornos mentais. Adolescência.

ABSTRACT: Psychological problems such as anxiety and depression have always been common in society, from the past to the present day. The COVID-19 pandemic that began in 2020 was certainly a phenomenon that generated a scenario of instability and stress, acting as an increase in the incidence of psychological disorders and, consequently, an increase in the use of psychotropic medications. Estimates indicate that the pandemic mainly affected the mental health of adolescents, considering that this group is already going through a turbulent period of human development. Psychotropic drugs used for mental distress act on the central nervous system, chemically altering brain function, which results in changes in mood and behavior. Although they are of great importance and constitute the basis of pharmacological treatment, these substances have considerable adverse effects, including chemical and physical dependence. Therefore, it is vital that they are used rationally. However, the reality seen is totally different. In Brazil, self-medication is a very common practice, so that around 35% of medicines are obtained by people on their own. The present study is a literature review that aims to show the importance of information on the use of psychotropic drugs, especially in adolescence. To this end, searches were carried out in the main databases in the health field – SCIELO and PubMed – and also on Google Scholar. Finally, the analysis of the studies reinforces the importance of increasing the community's level of information regarding the use of these medications in question.

Keywords: Psychotropic drugs. Rational Use of Medicines. Self-medication. Mental disorders. Adolescence.

¹Graduando em Farmácia- Universidade Salvador (Unifacs).

²Graduando em Farmácia- Universidade Salvador (Unifacs).

³ Graduando em Farmácia- Universidade Salvador(Unifacs).

INTRODUÇÃO

A Organização Mundial da Saúde (OMS) considera como uso racional de medicamentos quando o medicamento é prescrito para o paciente de acordo com suas condições clínicas, em doses adequadas às suas necessidades e por um período de tempo apropriado. Além disso, o tratamento farmacológico deve ter o menor custo possível tanto para o indivíduo quanto para a comunidade como um todo (OMS, 1985). Outro ponto crucial para o uso racional dos medicamentos é que sejam utilizados corretamente conforme a prescrição médica, respeitando a posologia e duração do tratamento. Isso deixa claro que o uso racional é uma ação multifatorial, englobando a prescrição, a dispensação e o uso propriamente dito.

Entretanto, o uso irracional ou inadequado de medicamentos configura-se hoje como um dos principais fatores que interferem no sucesso da farmacoterapia. Estima-se que mais da metade dos medicamentos são prescritos ou mesmo dispensados de forma inadequada, além do uso incorreto por parte dos indivíduos. Soma-se a isso a prática da automedicação, fenômeno altamente enraizado na cultura brasileira, caracterizado pelo uso do medicamento sem prescrição ou orientação de um profissional habilitado. No Brasil, pelo menos 35% dos medicamentos são obtidos por automedicação, deixando o país em 5º lugar no de países que mais consomem medicamentos (MATHIAS et al., 2019).

2713

Por muito tempo, os principais medicamentos usados indiscriminadamente eram, em sua maioria, aqueles de venda livre, isentos de prescrição médica (MIPs). Entre as classes farmacológicas mais associadas estão os analgésicos (46,4%), antibióticos (22,8%) e anti-inflamatórios (9,1%), sendo cefaleia a enfermidade mais relatada (CABEZAS, 2000).

Contudo, no panorama atual marcado pelo aumento de transtornos psíquicos como depressão e ansiedade, especialmente entre os adolescentes, observa-se uma tendência de aumento no consumo de psicotrópicos. Esses fármacos possuem a capacidade de modificar o sistema nervoso central (SNC), sendo os principais recursos terapêuticos empregados no tratamento de distúrbios emocionais e comportamentais. Eles podem ser classificados conforme ação em: ansiolíticos, antidepressivos, antipsicóticos e sedativos/hipnóticos.

A pandemia de COVID-19 decretada em março de 2020 pela OMS trouxe consigo uma onda de incertezas e preocupações, provocando efeitos deletérios e duradouros na saúde mental da população em escala global. Diversos grupos sociais e faixas etárias foram afetados, principalmente os adolescentes, que já passam por uma etapa crítica da vida marcada por diferentes mudanças físicas e emocionais. Na atualidade, estudos apontam que

no mundo um entre quatro jovens apresentam algum transtorno dessa natureza, sendo no Brasil de 7 a 12,7% (PATEL, 2007).

Mesmo com o fim da pandemia, ainda hoje são relatados sentimentos de ansiedade, medo, solidão, raiva e inquietação. Nesse contexto, evidencia-se que os transtornos de ansiedade e quadros depressivos são cada vez mais enfrentados por essa parcela jovem da população, que conseqüentemente acabam recorrendo ao uso de fármacos psicotrópicos, dando ênfase para os antidepressivos.

Apesar de serem fundamentais para o tratamento desses transtornos promovendo a melhoria da qualidade de vida do indivíduo, quando utilizados de forma irracional e sem orientação profissional, esses medicamentos desencadeiam grandes riscos e efeitos adversos muitas vezes desconhecidos pelos próprios usuários, entre eles tolerância e dependência (SCHALLEMBERGER et al., 2016). Sendo assim, é de suma importância que os psicofármacos sejam utilizados de forma racional. Tendo em vista que a desinformação é um dos principais fatores que levam ao uso inadequado torna-se imprescindível o desenvolvimento de estratégias que mitiguem essa problemática, mediante educação em saúde promovendo o acesso à informação a respeito dos riscos associados à prática da automedicação e dos efeitos produzidos pela utilização incorreta dos medicamentos.

2714

O presente estudo tem o objetivo de abordar o uso de medicamentos psicotrópicos em adolescentes como resultado do aumento dos transtornos psíquicos nesse grupo etário. Visa também demonstrar a importância do uso racional de medicamentos e como o acesso a informação mediante as ações de educação em saúde podem contribuir para isso.

1. METODOLOGIA

Este trabalho configura-se como uma revisão de literatura, método baseado no estudo do arcabouço teórico que fundamenta a temática em questão. Para isso, foi realizado um levantamento bibliográfico no período de setembro de 2023 visando publicações indexadas nas principais bases de dados na área da saúde, como SCIELO (Scientific Electronic Library Online), PubMed e Google acadêmico. A pesquisa foi norteada pelos descritores: adolescentes, psicotrópicos, uso racional de medicamentos, automedicação e depressão.

Foram adotados como critérios de inclusão artigos de todas as categorias (original, revisão de literatura, relato de experiência, etc) publicados na língua portuguesa ou inglesa entre o ano de 2013 a 2023, disponíveis na íntegra para leitura. Além disso, o conteúdo das publicações deveria girar em torno do uso racional de medicamentos, uso de psicotrópicos

na adolescência e a importância da informação na mitigação do uso indiscriminado de medicamentos.

Foram excluídos os estudos que não atendiam aos critérios de inclusão elencados anteriormente ou que não se relacionavam com o tema da pesquisa, publicados anterior ao ano de 2013 ou que estivessem em língua estrangeira que não o inglês. Alguns artigos também foram excluídos por não possuírem informações relevantes para o levantamento bibliográfico.

1.1 Referencial teórico

1.2 Características dos transtornos psíquicos menores

Os transtornos psíquicos menores são descritos como a situação de saúde na qual os indivíduos apresentam sintomas psiquiátricos não psicóticos, como depressão, ansiedade, tristeza, dificuldades de concentração, irritabilidade e outros (MARI; WILLIAMS, 1986). Nessa perspectiva, estima-se que 4,4% da população mundial sofrem de transtornos depressivos e 3,6% de transtornos de ansiedade. Tais estimativas variam conforme a região, sendo que as maiores taxas de depressão são encontradas na África (5,4%) e de transtornos de ansiedade nas Américas (5,8%) (WHO, 2017).

2715

A depressão, um dos principais transtornos afetivos, conceitua-se como uma desordem de humor crônico marcado por sentimentos negativos como tristeza, perda de apetite, irritabilidade, indisposição, apatia e outros sintomas que comprometem a qualidade de vida do paciente e sua interação na vida social. Embora existam muitos estigmas e desinformação acerca da depressão, é importante ressaltar que ela é muito mais profunda e intensa do que a tristeza, estando quase sempre presentes pensamentos de inutilidade e de culpa, diminuição do prazer e do ânimo para realizar as atividades do cotidiano (CORRÊA, 1995; ASSUNÇÃO ET AL., 1998).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), por volta de 5,8% da população brasileira sofrem de depressão, totalizando 11,5 milhões de casos (OMS, 2017). Apesar de a etiologia da depressão não ser especificamente determinada, fica evidente que ela pode ser resultado de uma interação de fatores, entre eles biológicos, sociais e psicológicos. Prova disso é que, apenas durante o primeiro ano da pandemia de COVID-19, período marcado por excessiva instabilidade e isolamento, a depressão e a ansiedade aumentaram mais de 25% (OMS, 2022).

A ansiedade, juntamente com a depressão, integra o grupo de eventos psíquicos mais recorrentemente encontrados na sociedade. Caracteriza-se pela presença de inquietação, preocupação, pensamentos inversos ou mesmo a mistura de muitas informações (REGINA et al., 2000). O indivíduo se sente sempre alerta e com medo do que está por vir. Esse transtorno é experimentado especialmente em momentos de estresse demasiado e sobrecargas emocionais.

Sendo comumente iniciado na infância ou durante a adolescência, o Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG), é o tipo mais comum e frequente de ansiedade. É marcado pelo sintoma ansioso persistente e por preocupação excessiva em relação a coisas básicas do dia a dia da pessoa, causando sofrimento e frustração. Entre outras manifestações que variam ao longo da vida estão: tremores, incapacidade para relaxar, fadiga e cefaleia, palpitação, sudorese, tontura, falta de ar, irritabilidade dificuldade de concentração, entre outros (ANDREATINI; BOERNGEN; ZORZETTO, 2001). Ademais, no TAG se fazem presentes também mudanças de humor, pensamentos negativos e angústia frente ao futuro.

Atualmente, existem consideráveis estudos que corroboram com a hipótese bioquímica na etiologia dos transtornos afetivos. As primeiras teorias defendidas relacionavam a deficiência de catecolaminas (norepinefrina, dopamina) e também de indolaminas (serotonina) com o aparecimento dos sintomas peculiares, de modo que a bioquímica cerebral estaria desregulada. Em vista disso, na depressão, por exemplo, haveria o hipofuncionamento dos neurotransmissores ou uma diminuição de seus níveis no cérebro. Não obstante, a depressão não pode ser atribuída apenas a esses dois fatores, uma vez que se trata de uma fisiopatologia multifatorial (GONZALES, 2012).

Sendo assim, o tratamento farmacológico dos transtornos de humor é baseado na utilização de psicotrópicos, fármacos capazes de agir no sistema nervoso central (SNC), provocando alterações no comportamento, humor e cognição (OMS, 2007). Eles são agrupados de acordo com o efeito que produzem e se princípio ativo em: ansiolíticos e sedativos/hipnóticos, antidepressivos, estabilizantes do humor e antipsicóticos, mais comum de modo geral, os antidepressivos. É importante também destacar que esses transtornos podem ser facilmente tratados, mas requerem uma avaliação médica e um diagnóstico qualificado, destacando qual tipo de transtorno o paciente sofre. Além disso, a escolha do fármaco será feita com base no perfil terapêutico e dos efeitos colaterais.

Ainda que o uso de psicofármacos seja um valioso recurso no tratamento ao paciente, eles devem ser utilizados de forma segura e racional em virtude de sua grande capacidade de

produzir efeitos adversos consideráveis, gerar dependência e outros efeitos à saúde quando usados por tempo prolongado (ABI-ACKEL et al., 2017). Dado aos perigos potenciais relacionados ao uso desses medicamentos é importante que sejam devidamente prescritos por um profissional médico de acordo com a necessidade do paciente. Para mais, nota-se também a necessidade de propagar mediante ações de educação em saúde mais informações para a comunidade em geral sobre o uso racional dos psicotrpicos, contribuindo assim para uma assistência integral em saúde.

1.3 Prevalência dos transtornos psíquicos na adolescência

O termo “adolescente” derivado do latim “adolescere” significa “crescimento” ou “crescer até a maturidade”, indicando que essa fase implica em intensa transição. Dessa forma, a adolescência caracteriza-se como sendo o tempo do desenvolvimento humano que decorre entre a infância e a vida adulta. Segundo a OMS, a adolescência é definida como o período entre 10 a 19 anos (OMS, 1965) conceito esse também adotado pelo Ministério da Saúde do Brasil (BRASIL, 2018). Essa época se caracteriza por notáveis mudanças, tanto físicas quanto psicológicas, além de representar para o indivíduo um momento vital do ciclo, repleto de incertezas e crises.

2717

Diante de tantas mudanças e instabilidade, essa fase torna-se propensa ao desenvolvimento de distúrbios afetivos, encontrando-se a depressão e ansiedade entre os principais. Calcula-se que 10,2% das pessoas com 18 anos ou mais de idade tenham recebido por um profissional de saúde mental o diagnóstico de depressão, o que representa um total de 6,3 milhões de pessoas. A prevalência é maior na área urbana (10,7%) do que rural (7,6%), e sexo feminino 14,7%, contra 5,1% do masculino (IBGE, 2020). O maior número de mulheres com depressão pode ser explicado pelo fato de que muitas, além de estudantes, desempenham também o papel de dona de casa e, muitas vezes, de mãe.

Além disso, pesquisas apontam que dois a cada três estudantes do 5º e 9º ano do Ensino Fundamental e 3ª série do Ensino Médio da rede estadual de ensino apresentam sintomas de ansiedade e depressão. Já entre estudantes universitários, as taxas de acometimento por algum transtorno psíquico variam entre 15 a 25% (SEDUC, 2020). Diante disso, torna-se evidente a tendência de crescimento dos problemas associados à saúde mental entre os jovens em todo mundo, sobretudo após a pandemia de COVID-19 no ano de 2020 (MUZZOLON, 2021). Esse fato é preocupante, visto que esses distúrbios causam prejuízos

sociais e familiares, levando muitos jovens a recorrerem ao uso de substâncias sem o acompanhamento médico e, até mesmo, ao abuso de substâncias ilícitas.

Nessa conjectura, o uso de psicotrópicos durante a adolescência está se tornando cada vez mais frequente, ainda mais devido aos avanços da indústria farmacêutica e a elaboração de novos fármacos ou o melhoramento dos já existentes. Todavia, a utilização deve ser feita apenas mediante prescrição médica, e a escolha do medicamento deve respeitar as manifestações apresentadas, o diagnóstico já estabelecido e a idade do paciente (MOREIRA et al., 2014). A farmacoterapia é de muita importância para a melhora do indivíduo, mesmo assim, considerando que o uso indiscriminado de psicotrópicos está crescendo dentre os adolescentes é primordial ter em mente os muitos perigos associados a essa classe.

1.4 A importância da informação e o uso racional de medicamentos

A Política Nacional de Medicamentos, aprovada em 1998, determina o uso racional de medicamentos como o processo que envolve diversos fatores como: prescrição adequada, disponibilidade do medicamento a preços acessíveis, dispensação correta e utilização nas doses e períodos de tempo adequados (BRASIL, 1998). Conceito semelhante é também proposto pela OMS. Entretanto, existem muitos obstáculos que se contrapõem ao uso racional, sendo um dos maiores deles o uso indiscriminado, dando ênfase para a automedicação.

2718

A automedicação corresponde à utilização do produto farmacêutico sem prescrição ou orientação de um profissional habilitado, de modo que o paciente adquire e faz uso do medicamento por conta própria (FERNANDES; CEMBRANELLI, 2018). Essa prática é arriscada, resultando até mesmo em danos à saúde, uma vez que pode tratar sintomas apresentados mascarando e dificultando o diagnóstico de uma possível doença base. É possível que a tendência de se automedicar seja em consequência da falta de acesso a serviços públicos de saúde ou ainda do baixo poder aquisitivo, assim o paciente vê maior facilidade em adquirir o medicamento sem a necessidade de pagar uma consulta médica.

Além disso, pela ausência de profissionais habilitados e de políticas públicas eficazes, a comunidade possui pouca ou nenhuma informação sobre a segurança e efeitos adversos dos medicamentos. Entre parte das pessoas, há a crença de que, por se tratar de um produto destinado a curar ou melhorar a saúde, não seria capaz de provocar algum mal. Por falta de conhecimento, são igualmente ignorados os riscos do uso concomitante de medicamentos de diferentes classes farmacológicas. Soma-se ainda a esses fatores as diversas propagandas

de medicamentos, que retratam o medicamento como algo inofensivo, ressaltando os benefícios e, muitas vezes, omitindo os malefícios. Dessa forma, o indivíduo é estimulado a adquirir o medicamento como qualquer outra mercadoria, mesmo sem a necessidade de utilizá-lo.

A utilização indiscriminada de medicamentos favorece ainda o surgimento de intoxicações medicamentosas, responsáveis por centenas inúmeras mortes todos os anos. As causas de mortes mais predominantes são resultantes de uso abusivo, relacionado à automedicação ou ao autoextermínio, ou uso acidental (OLIVEIRA et al., 2017). Segundo o SINITOX - Sistema Nacional de Informações Toxicológicas, responsável por divulgar novos de intoxicações registrados, desde o ano de 1994 os medicamentos ainda continuam sendo os principais causadores de casos de intoxicação em humanos. Os benzodiazepínicos, anticonvulsivantes e antidepressivos são os agentes mais envolvidos em intoxicações causadas por medicamentos (MATHIAS et al., 2019). Dentre as razões que impulsionam esse complexo problema, tem-se a falta de normatização de propagandas publicitárias e a insuficiência ou mesmo escassez de programas educativos, aliados à facilidade de compra de medicamentos sem uma receita médica e o seu uso indiscriminado (GONÇALVES, et al., 2017).

2719

Perante o exposto, é urgente a adoção de medidas para a promoção do uso racional de medicamentos. Nessa conjuntura, a Assistência Farmacêutica tem como principal objetivo desempenhar ações voltadas tanto à promoção da saúde quanto do uso e acesso racional. Já que muitas vezes o farmacêutico é o último profissional em contato com o paciente antes que ele utilize o medicamento, esse profissional deve usar seus conhecimentos técnicos para orientar os riscos da automedicação e a utilização adequada do produto que será adquirido (FERNANDES; CEMBRANELLI, 2018).

Uma forma eficaz de minimizar este quadro é por meio da informação. A educação em saúde é definida pelo Ministério da Saúde como um processo educativo baseado na construção de conhecimentos em saúde com o objetivo de tornar a população conhecedora da temática e aumentar a autonomia no que diz respeito aos cuidados com a saúde (BRASIL, 2006). Logo, as ações de educação em saúde devem ser realizadas com o intuito de educar e informar a população, acima de tudo os adolescentes, através de palestras e campanhas educativas, despertando em todos uma consciência sobre saúde individual e também coletiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os transtornos psíquicos menores, a exemplo a depressão e os transtornos de ansiedade, vêm crescendo na sociedade contemporânea, especialmente entre os adolescentes. Paralelamente, encontra-se o aumento do uso de psicotrópicos, drogas capazes de alterar o funcionamento do sistema nervoso central. É importante salientar que os medicamentos são recursos imprescindíveis no manejo de quadros de depressão ou ansiedade, mas dado aos perigos potenciais, devem ser utilizados com cautela. No entanto, a prática de automedicar-se é comum na cultura brasileira, sendo motivada por fatores já elucidados, dando destaque para a falta de informação sobre o tema em questão. A automedicação é um dos maiores entraves para o uso racional de medicamentos.

À vista disso, fica evidente a importância da informação acerca do uso racional de medicamentos psicotrópicos, ainda mais na adolescência. Assim, há a necessidade de aumentar o acesso da comunidade sobre o uso racional dos psicofármacos, seus riscos e benefícios, oferecendo uma assistência integral à saúde. Nesse contexto, o farmacêutico é um dos principais atores, uma vez que possui o conhecimento técnico e científico necessário para transmitir no ato da dispensação orientações que ajudarão a evitar o uso irracional dos medicamentos. Por fim, para atingir o público jovem com maior eficácia, as ações de educação em saúde devem também ser promovidas no ambiente escolar por equipes multiprofissionais, conscientizando-os a respeito dos riscos de reações adversas e de como utilizar o medicamento corretamente.

2720

REFERÊNCIAS

ABI-ACKEL, M. et al. Uso de psicofármacos entre idosos residentes em comunidade: prevalência e fatores associados. **Revista Brasileira de Epidemiologia**. 2017.

ANDREATINI, R.; BOERNGEN, R.; ZORZETTO, D. Tratamento farmacológico do transtorno de ansiedade generalizada: perspectivas futuras. **Revista Brasileira Psiquiatria**. São Paulo; 2001.

BRASIL. Ministério da Saúde (MS). Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. **Departamento de Gestão e da Regulação do Trabalho em Saúde**. Câmara de Regulação do Trabalho em Saúde. Brasília: MS; 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. **Proteger e cuidar da saúde de adolescentes na atenção básica / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas**. – 2. ed. – Brasília : Ministério da Saúde, 2018.

CABEZAS, V.; ORMENO E.; PABIAZA L. **Automedicación de analgésicos no narcóticos.** Consultório Santo Tomás. Santiago do Chile, 2000. 114 p.

CORRÊA, A. A fenomenologia das depressões: da nosologia psiquiátrica clássica aos conceitos atuais. **Psiquiatria Biológica.** 1995;3(3):61-72.

FERNANDES, W.; CEMBRANELLI, J. Automedicação e o uso irracional de medicamentos: o papel do profissional farmacêutico no combate a essas práticas. **Revista Univap.** 2015; 21 (37): 1-12. Disponível em: <[http://revista.univap.br/index.php/revistaunivap/article/view File/265/259](http://revista.univap.br/index.php/revistaunivap/article/view/File/265/259)>.

GONÇALVES, C. et al. Intoxicação medicamentosa: relacionada ao uso indiscriminado de medicamentos. **Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente,** 2017; 1: 135-143.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa nacional de saúde 2019:** percepção do estado de saúde, estilos de vida, doenças crônicas e saúde bucal: Brasil e grandes regiões. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), 2020. 113p. Convênio: Ministério da Saúde. Inclui bibliografia e glossário.

MARI, J.; WILLIAMS, P. A validity study of a psychiatric screening questionnaire (SRQ-20) in primary care in the city of São Paulo. **Br J Psychiatry** [Internet]. 1986 ;148:23-6. Available from: <http://bjprcpsych.org/content/bjprcpsych/148/1/23.full.pdf> » <http://bjprcpsych.org/content/bjprcpsych/148/1/23.full.pdf>

MATHIAS, T. et al. Tendências de eventos toxicológicos relacionados a medicamentos atendidos por um Centro de Informações Toxicológicas. **Revista brasileira de epidemiologia,** 2019; 22: e190018.

2721

MOREIRA, M. et al. USO DE PSICOFÁRMACOS EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde,** 2014.

MUZZOLON, S. et al. 130 anos de evidências: risco de suicídio entre médicos e estudantes de medicina. **Revista de Medicina.** São Paulo; 2021.

OLIVEIRA, J. et al. Tendência da mortalidade por intoxicação medicamentosa entre gêneros e faixas etárias no Estado de São Paulo, Brasil, 1996-2012. **Ciência & Saúde Coletiva,** 2017; 22 (10): 3381-3391

OMS. Organização Mundial De Saúde. **World mental health report: transforming mental health for all.** Revisão da OMS sobre a Saúde Mental no Mundo. 2022. ISBN978-92-4-004933-8 (electronic version). ISBN 978-92-4-004934-5.

OMS. Organização Mundial da Saúde. **Problemas de la salud de la adolescencia.** Informe de un comité de expertos de la O.M.S (Informe técnico n° 308). Ginebra, 1965.

OMS. Organização Mundial De Saúde. **Conferência Mundial sobre Uso Racional de Medicamentos.** Nairobi, 1985.

PATEL, V. et al. **Mental health of young people:** a global public-health challenge. *Lancet,* London, v.369, n.9569,p.1302-1313, Apr.2007.

REGINA, A. et al. Transtorno de ansiedade. **Revista Brasileira de Psiquiatria**. vol.22s.2. São Paulo; 2000.

SCHALLEMBERGER J. et al. Assessment of dependence and anxiety among benzodiazepine users in a provincial municipality in Rio Grande do Sul, Brazil. **Revista Trend in Psychiatry and Psychotherapy**. 2016.

SEDUC-SP (2020). Em mapeamento, 70% dos estudantes avaliados relatam sintomas de depressão e ansiedade em mapeamento desenvolvido pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo e o Instituto Ayrton Senna. SARESP (Secretaria da Educação do Estado de São Paulo) junto ao Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo. Disponível em: <<https://www.educacao.sp.gov.br/em-mapeamento-70-dos-estudantes-avaliados-relatam-sintomas-de-depressao-e-ansiedade/>>.

WHO. World Health Organization. **Depression and Other Common Mental Disorders: Global Health Estimates**. Geneva: WHO; 2017.

WHO. World Health Organization. Ministério da Saúde (BR). **A report of the assessment of the mental health system in Brazil using the World Health Organization - Assessment Instrument for Mental Health Systems (WHO-AIMS)** [Internet]. Brasília (DF): World Health Organization; 2007.